



PEQUENAS CIDADES NO TEMPO

O AMBIENTE E OUTROS TEMAS

Adelaide Millán da Costa
Sara Prata
eds.

PEQUENAS CIDADES NO TEMPO.
O AMBIENTE E OUTROS TEMAS

IEM – Instituto de Estudos Medievais

Coleção ESTUDOS 23

PEQUENAS CIDADES NO TEMPO.
O AMBIENTE E OUTROS TEMAS

ADELAIDE MILÁN DA COSTA
SARA PRATA
editores

Lisboa, 2021

Textos seleccionados do Iº Colóquio da Rede In_Scit - "Pequenas Cidades: um objeto de estudo coerente?" (Castelo de Vide, 4 de outubro de 2017) e do Colóquio Internacional - "Pequenas Cidades e Ambiente (da Idade Média à Época Contemporânea)" (Castelo de Vide, 14 a 16 de março de 2019).

Alguns autores portugueses optaram por não seguir o acordo ortográfico em vigor.

Arbitragem Científica

Ana Isabel Queiroz (Universidade Nova de Lisboa)
Amélia Aguiar Andrade (Universidade Nova de Lisboa)
Ana Alcântara (Universidade Nova de Lisboa)
Bruno Franco (Consortio de la Ciudad Monumental de Mérida)
Catarina Tente (Universidade Nova de Lisboa)
Cristina Joanaz de Melo (Universidade Nova de Lisboa)
Dolores Villalba Sola (Universidad de Granada)
Flávio Miranda (Universidade do Porto)
Herminia Vasconcelos Vilar (Universidade de Évora)
Jean-Luc Fray (Université Clermont- Auvergne)
Joana Gaspar de Freitas (Universidade de Lisboa)
Joana Vieira Paulino (Universidade Nova de Lisboa)
João Luís Inglês Fontes (Universidade Nova de Lisboa)
Jorge Ferraz (Universidade Nova de Lisboa)
Julían Clemente Ramos (Universidad de Extremadura)
Luís Filipe Oliveira (Universidade do Algarve)
Luísa Trindade (Universidade de Coimbra)
María Isabel del Val Valdivieso (Universidad de Valladolid)
María Álvarez Fernández (Universidad de Oviedo)
Maria Filomena Andrade (Universidade Aberta)
Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)
Mário Jorge Barroca (Universidade do Porto)
Michel Bochaca (Université De La Rochelle)
Vitor Teixeira (Universidade Católica Portuguesa)

Esta publicação insere-se no âmbito do projeto exploratório *As pequenas cidades e a coesão territorial na Europa do sul e no espaço atlântico: análise comparada de longa duração* (Convention de Collaboration entre la Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de l' Universidade Nova de Lisboa et la Casa de Velázquez 2017-2019)

Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) é financiado pela Fundação para Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito dos Projetos UIDB/00749/2020 e UIDP/00749/2020.

Publicação financiada pela Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Apoios:

École des hautes études hispaniques et ibériques/ Casa de Velázquez;
CHAM – Centro de Humanidades da NOVA FCSH e Instituto de História Contemporânea da NOVA FCSH financiados pela Fundação para Ciência e a Tecnologia, I. P., respetivamente no âmbito dos Projetos UIDB/04666/2020 e UIDP/04666/2020; UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020.

Título	Pequenas Cidades no Tempo. O ambiente e outros temas
Editores	Adelaide Milán da Costa, Sara Prata
Edição	IEM - Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide
Referência da imagem de capa	"Planta de Castelo de Vide e seus Arredores" (Pedro Folque, 1818) PT-GEAEM/DIE-3644_III-3-36-49
Coleção	Estudos 23
ISBN	978-989-54529-5-8 (IEM) 978-972-9040-18-4 (C. M. de Castelo de Vide)
Paginação e execução	Carlos Moreira /IEM – Instituto de Estudos Medievais, com base no design de Ana Pacheco
Depósito legal	483639/21
Impressão	Tipografia Priscos, Lda.

Índice

Nota de abertura.....	11
<i>António Pita</i>	

Apresentação	13
<i>Adelaide Millán da Costa</i>	
<i>Sara Prata</i>	

PARTE I

Pequenas Cidades e Ambiente

1. O argumento

Les petites villes dans leur milieu ambiant, naturel et humain, du Moyen Âge aux temps contemporains: une brève introduction épistémologique et historiographique	17
<i>Jean-Luc Fray</i>	

2. As respostas

2.1. A interpretação de sistemas socio-ecológicos sob perspetivas de conjunto

Small towns and rural landscapes in the later middle ages; insights from an English region.....	31
<i>Christopher Dyer</i>	

El Golfo de Cádiz durante el siglo XV: una prospectiva ambiental.....	59
<i>Emilio Martín Gutiérrez</i>	

Rural settlement and Environment. Landscape changes in the kingdom of Cordoba in the Late Middle Ages	81
<i>Javier López Rider</i>	

Appropriating Nature: British spa towns, seaside resorts and the natural environment c. 1660-1914	103
<i>Peter Borsay</i>	

2.2. A observação de sistemas socio-ecológicos através dos testemunhos materiais

Paisajes superpuestos. El impacto de la conquista islámica en Madīnat- Sālim, una pequeña ciudad de la Marca Media.....	123
<i>Marisa Bueno</i>	

<i>Num buraco no chão vivia... uma história. Arqueologia dos silos medievais e modernos de Castelo de Vide: do armazenamento às lixeiras</i>	151
<i>Fabián Cuesta-Gómez; Sara Prata; João Magusto</i>	

A Torre Velha da Guarda: de torre românica a vazadouro de detritos	181
<i>Tiago Ramos; Alcina Cameijo; Vitor Pereira</i>	

Horta – dinâmicas urbanas de uma pequena cidade insular a partir dos dados arqueológicos.....	195
<i>João Gonçalves Araújo</i>	

2.3. A análise pormenorizada de fenómenos de antropização

Uma vila no campo: Loulé e o seu ambiente nos finais da Idade Média.....	219
<i>Stéphane Boissellier; Cristóvão de Almeida</i>	

Entre a Serra e o Mar: o acesso aos recursos naturais e o seu impacto nas relações entre Faro e Loulé na Baixa Idade Média.....	239
<i>Paulo Morgado e Cunha</i>	

O rio sem nome e a vila que o dá: Alenquer e o seu rio.....	251
<i>Inês Olaia</i>	

Orizicultura e ostricultura: a transformação dos salgados do Seixal na segunda metade do século XIX – impactos e tensões.....	275
<i>Ana Cláudia Silveira</i>	

2.4. O estudo da regulação societária de recursos e problemas ambientais

Resource Regulations and the Failure of the Northern Towns in 14th century Norway.....	307
<i>Miriam Tveit</i>	

La preocupación por el medio ambiente en la Edad Media: la regulación de la pesca en el reino de Sevilla (XV-XVI).....	325
<i>Enrique José Ruiz Pílares</i>	

Problemas ambientales y soluciones frente al mar. La interacción de las Cuatro Villas de la Costa (España) con la geografía marítima en la Baja Edad Media. ElcasodeLaredo.....345

Javier Añibarro Rodríguez

À la merci des éléments? Catastrophes et contre-mesures dans les petites villes allemandes du Moyen Âge et l'incendie de Frankenberg-s/Eder (1476)363

Gisela Naegle

Pagar para desassorear: o real de areia de Fão (1826-1870).....389

Ana Isabel Alves Lopes

PARTE II

Diferentes Perspetivas de Estudo das Pequenas Cidades

Cabeção, uma pequena vila alentejana, situada nos domínios da ordem de Avis.....411

Maria Ângela Beirante

A manutenção das estruturas militares no Entre-Cávado-e-Minho em 1258.....463

Rúben Filipe Teixeira da Conceição

À l'ombre des grands: petites villes et leurs *grands* voisins au centre du Saint-Empire médiéval. Landesgeschichte (histoire régionale) et histoire urbaine479

Gisela Naegle

A fundação dos conventos franciscanos nos pequenos núcleos urbanos do Portugal medieval.....503

Catarina Almeida Marado

Irremediavelmente perdida? A evolução da casa tradicional no centro histórico medieval de Estremoz.....525

Ana Costa Rosado; Miguel Reimão Costa; María Teresa Pérez Cano;

José Manuel Aladro Prieto

As cidades de Castelo Branco e Covilhã: a construção do caminho de ferro da Beira Baixa: aproximações e divergências (1850-1891).....549

Nuno Pousinho

De cidade industrial a cidade universitária? Percurso e representação da Covilhã571

Domingos Martins Vaz

CONCLUSÕES.....593

Adelaide Millán da Costa

Paisajes superpuestos.

El impacto de la conquista islámica en Madīnat- Sālim, una pequeña ciudad de la Marca Media

*Marisa Bueno*¹

Resumen

Se aborda el proceso de transformación del paisaje derivado de la conquista islámica en el norte de la Marca Media tomado como caso de análisis *Madīnat Sālim* (Medinaceli, Soria, Castilla-León) y su entorno próximo. Si bien la fundación es de época emiral, como un *ḥiṣn*, fortaleza, sobre un núcleo previo de época prerromana, muy pronto los nuevos conquistadores se extendieron al cerro vecino donde se encontraba el centro de ocupación romana hasta el siglo III. El emplazamiento cambió sus funciones jurídico administrativas y se transforma en *madīna* con las funciones clásicas de la misma: centro político-económico administrativo y funciones jurídico religiosas. Tanto la primigenia fortaleza como la posterior ciudad articularon el poblamiento rural en la cuenca alta del Jalón, sobreviviendo muchos de los emplazamientos desde la tardo antigüedad transformando su estructura con nuevas funciones militares. Medinaceli se convirtió en capital de la Marca Media en el 946 siendo el origen de múltiples algaras y expediciones militares al norte cristiano. El análisis se realiza a partir de fuentes escritas y datos arqueológicos, perspectiva que permite rellenar el vacío entre la tardo-antigüedad y la conquista cristiana en el siglo XII.

Palabras clave

Madīna. Conquista islámica. Paisaje. Herencia del mundo tardo antiguo.

¹ Universidad Complutense de Madrid. Proyecto *Espacios Virtuales de la Alteridad*, 2017 HUM T1-5650.

Overlapping Landscapes. The Impact of the Islamic Conquest in Madīnat-Sālim, a small town in the Middle Frontier.

Abstract

This paper deals with cultural landscape transformation derived from the Islamic conquest in the north of the Middle march paying special attention to *Madīnat Sālim* (Medinaceli, Soria, Castila León) and its area as case study. Although its foundation dates from the emiral period on a previous pre-roman site like a *hiṣn*, fortress, very soon the new conquerors extended to the neighboring hill where the Roman population was located until third century. The site change its juridical role and became an important *madīna* in tenth century with different functions: political, administrative and economic center, but also religious and juridical functions. Both, first the fortress and later the small town articulated rural places in the upper Jalon river basin, some of them survived from late antiquity and transformed with new military functions. Medinaceli became the capital of the Middle frontier from 946 and the origin of multiple raids and military expeditions to the Christian north. The analysis includes written sources and archaeological data. This research perspective bridges the gap between the late antiquity and the Christian conquest in twelfth century.

Keywords

Madīna. Islamic conquest. Landscape. Late antiquity heritage.

Introducción

Al pensar en la morfología de las ciudades andalusíes aún existen en el imaginario colectivo ideas estereotipadas, fijadas por los trabajos de Levy Provençal (1950) y Torres Balbás (1970) ciudades de trazado sinuoso, calles estrechas y abigarradas llenas de adarves sin salida que protegían la vida doméstica, basándose en criterios de intimidad y reserva estipulados por los preceptos coránicos². Sin embargo, las investigaciones que comenzó, en su momento, Pavón Maldonado (1992) relativas

² LEVY PROVENÇAL, Evariste - *Las ciudades y las instituciones urbanas del Occidente musulmán en la Edad Media*. Tetuán: Editora Marroquí, 1950; TORRES BALBAS, Leopoldo - *Ciudades hispanomusulmanas*. Vol. I. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1970; MAZZOLI GUINTARD, Christine - *Ciudades de al-Andalus. España y Portugal en la época musulmana (siglos VIII-XV)*. Granada: Universidad, 2000.

a las ciudades *hispano-musulmanas*, y sobre todo los análisis de Navarro Palazón y Jiménez Castillo (2007) contribuyeron a crear una imagen diacrónica del urbanismo andalusí a partir del análisis de las diversas intervenciones arqueológicas realizadas en los centros urbanos. En este sentido, el proceso gradual de saturación de las *madinas* andalusíes puede ser analizado a través del cambio de funciones del emplazamiento, bien en su categoría, de *hiṣn* a *madīna*, lo que exige remodelaciones o el normal crecimiento urbano de las ciudades en expansión, lo que exige tanto el engrandecimiento de recintos, como la amortización de espacios pre-existes³. En este sentido el proceso es especialmente visible en ciudades como Córdoba, Sevilla, Murcia o Granada, llegando esta última al máximo de su expresión dada la continuidad de la ocupación islámica hasta 1502⁴.

El dinamismo urbano no solo se ha acreditado desde el punto de vista arqueológico sino también desde el punto de vista jurídico textual, como sugiere Mazzoli-Guintard (2000). Su estudio sugiere un modelo dinámico del urbanismo andalusí, donde la ciudad es el resultado de un proceso de múltiples transformaciones, presididas por dos fuerzas: las élites políticas y los habitantes de la ciudad, relacionado la misma con los núcleos de ella dependientes y el poblamiento asociado. Existen múltiples estudios dedicados a las grandes ciudades andalusíes, Toledo, Córdoba, Zaragoza⁵, pero no tantos dedicados a las pequeñas ciudades de al-Andalus cuya importancia es nuclear ya que ofrecen una secuencia detallada de la instalación de al-Andalus y en el caso concreto que se analiza su importancia en las dinámicas de frontera y el papel de las periferias en la construcción de al-Andalus. El objetivo de este trabajo es mostrar un análisis evolutivo de una pequeña ciudad de la Marca Media, Medinaceli, analizando las pautas de ruptura y continuidad en la estructura de poblamiento, mostrando como se reaprovechan espacios previos y se transforman los emplazamientos en función de las necesidades sociopolíticas.

Existen múltiples estudios dedicados a ciudades de este espacio periférico de al-Andalus, Madrid⁶, clasificada como *pequeña ciudad*, o Toledo, quedando el

³ NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro - "Evolución del paisaje urbano andalusí. De la medina dispersa a la saturada". in *Paisaje y naturaleza en Al-Andalus*. Granada: Fundación El Legado Andalusí, 2004, pp. 232-267; NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro - *Las ciudades de al-Andalus. Nuevas perspectivas*. Zaragoza: Instituto de Estudios islámicos y del Próximo Oriente, 2007.

⁴ CAMACHO CRUZ, Cristina - "Evolución del parcelario doméstico y su interacción con la trama urbana: el caso de los arrabales califales de Córdoba". *Arqueología y Territorio Medieval* 25 (2018), pp. 29-65, 195-208; NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro - "La partición de fincas como síntoma de saturación en la ciudad andalusí: los ejemplo de Siyāsa y Murcia". in GOMES, Rosa Varela; GOMES, Varela; TENTE, Catarina (ed.) - *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, 2011, pp.79-94; MALPICA CUELLO, Antonio - "Granada: centro histórico y periferia urbana". *Arqueología y Territorio Medieval* 1 (1994), pp. 195-208.

⁵ DELGADO VALERO, Clara - *Toledo islámico, ciudad arte e historia*. Toledo: Caja de Ahorros, 1987; CALVO CAPILLA, Susana - *Urbanismo en la Córdoba islámica*. Madrid: Edilupa, 2002; CORRAL LAFUENTE, José Luis - *Zaragoza musulmana (714-1118)*. Zaragoza: Ayuntamiento de Zaragoza, 1998.

⁶ MAZZOLI GUINARD, Christine - *Madrid petite ville de l'Islam medieval, IX^e- XXI^e siècles*.

espacio norte de la Marca Media con un territorio que poco a poco sale del olvido historiográfico⁷. En este sentido se aborda el estudio de la transformación del espacio urbano en el mundo andalusí no como consecuencia del pensamiento religioso islámico, sino desde una óptica político-económica del funcionamiento de la Marca Media. Así mismo, las transformaciones en ellas producidas son consecuencia de la integración de las élites sociales asociadas a los Omeyas, los Banū Sālim como reorganizadores de este espacio en época emiral y dependiente directamente de Córdoba en época califal, poniendo de manifiesto las relaciones del centro con la periferia. Así mismo se ilumina una época con carencia de fuentes escritas para el periodo a través del registro arqueológico ilustrando a secuencia entre la tardo-antigüedad y la ocupación islámica, observando que la ruptura política que supone al-Andalus no lleva asociada un cambio brusco en las formas de ocupación del territorio en el medio rural. En este sentido se plantean las dinámicas de ocupación campo-ciudad incluyéndose no solo la información derivada de las intervenciones arqueológicas realizadas en el casco urbano sino también la procedente de actividades de arqueología de superficie en el entorno circundante, un modelo utilizado por Francovich y comúnmente aceptado en el campo de la arqueología medieval⁸.

La denominada Tierra de Medinaceli se engloba en el entronque del Sistema Central con el Ibérico, concretamente en la subunidad oriental. Es un área de notable altitud (no baja de los mil metros), donde destaca la Sierra Ministra articulada en torno al cauce del río Jalón y sus afluentes, generando un paraje de colinas amesetadas con fuertes pendientes. El relieve de la zona es diferenciado, por un lado, mesetas terciarias holladas por arroyos subsidiarios y por otro lado áreas de vega en las partes bajas aptas para el asentamiento de villas de explotación agrícola, con la presencia del Jalón como catalizador geográfico⁹. Tanto Medinaceli como el cerro vecino de la Villavieja se asientan en una zona de parameras sobre cerros elevados compuestos por materiales producto de la deposición marina sobre una cobertura mesozoica que marca la depresión terciaria Duero-Jalón. En la elección del emplazamiento ha primado su posición estratégica en un enclave de control de territorio dominando el valle de Arbujuelo, el Jalón y el acceso al Duero. El abastecimiento de agua se consiguió a partir de un manantial que surge a media ladera, zona de recursos

Rennes: Presss Universitaires de Rennes, 2009.

⁷ BUENO SÁNCHEZ, Marisa - "Power and Rural Communities in the banū Sālim Area (8th to 12th centuries)". in FABREGAS GARCÍA, Adela; SABATÉ CURULL, Flocel (eds.) - *Power and rural communities in Al-Andalus. Ideological and material representations*. Turnhout: Brepols, 2015, pp. 17-51; GARCÍA CONTRERAS, Guillermo - "Where is power in a marginal and border area? Northern Guadalajara in the times of al-Andalus (eighth-eleventh centuries). in FABREGAS GARCÍA, Adela; SABATÉ CURULL, Flocel (eds.) - *Power and rural communities* ..., pp. 53-84.

⁸ FRANKOVICH, Ricardo - "Archeología urbana". in CARRA BARRIONUEVO, Lorenzo (ed.) - *Ciudad y territorio en al-Andalus*. Granada: Athos-Pérgamos, 2000, p.13.

⁹ CALAVIA REDONDO, Manuel - "El espacio soriano". in CABO, Ángel; MANERO, Fernando (ed.) - *Geografía de Castilla y León*. Valladolid, 1990, pp. 158-169.

agrícolas, ganaderos y de sal. Cartográficamente el área objeto de análisis se localiza en las hojas 435 (Arcos de Jalón) y 462 (Maranchón) del plano del I.G.C. escala 1:50.000.

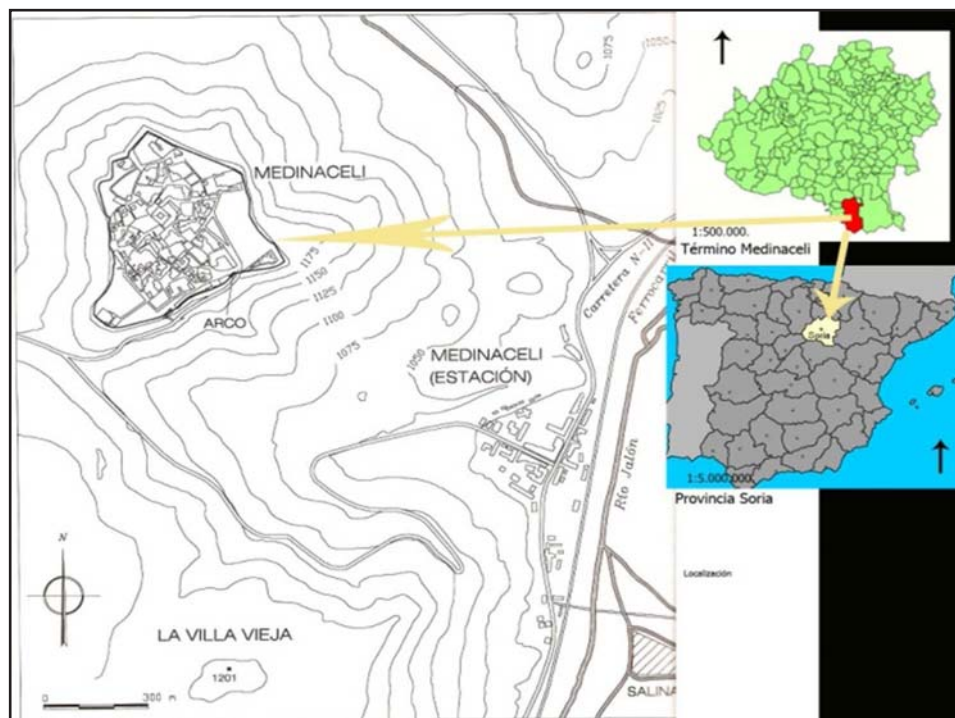


Fig. 1 - Mapa de situación de Medinaceli

Históricamente el espacio objeto de análisis cobra especial relevancia en época altomedieval, en el contexto de fortificación de la Marca Media 946 cuando Madīnat Salim se convierte en *capital de la frontera* tras los intentos de ocupación cristiana de las plazas del Duero a partir del 912, pero debemos volver la vista atrás si pretendemos comprender los presupuestos de ocupación y explotación de un espacio *preocupado* en épocas precedentes. Una de las claves para comprender la evolución de la ciudad es analizar la secuencia de continuidad o discontinuidad de ocupación en el entorno de la villa, interpretando los diferentes hiatos arqueológicos y tratando de responder a algunas preguntas: ¿Existen restos de época tardoantigua en el entorno de Medinaceli? ¿Se trata de una fundación *ex novo* o por el contrario se trata de un proceso de reocupación de un asentamiento previo en varias etapas en su doble topografía¹⁰? ¿Cómo se produce la evolución de este emplazamiento y que funciones

¹⁰ CABALLERO ZOREDA, Luis - "Arqueología tardo romana y visigoda en la provincia de Soria". in DE LA CASA MARTÍNEZ, Carlos (coord.) - *Primer Symposium de Arqueología Soriana*. Soria, 1984, p. 440

tuvo este enclave en el periodo? ¿Cómo obtiene la categoría de *madīna* en el periodo islámico y cuáles fueron sus funciones? ¿Qué efectos tuvo la conquista islámica sobre el medio ambiente en la zona, produce la ocupación grandes alteraciones en el medio natural?

1. Medinaceli en las fuentes árabes: desde su fundación a capital de la Marca Media

El concepto de ciudad, *madīna*, en el mundo islámico de carácter jurídico, y depende de la función política asignada a un núcleo concreto en un momento determinado, se configura como espacio protegido y centro donde se expresa el poder político¹¹.

Para Torres Balbás Medinaceli es una ciudad de nueva fundación¹², ¿pero cuando se produce esa fundación? Chalmeta aboga por una primera instalación de tropas desde la expedición de Tāriq en el 711, pero no encontramos noticias de la misma en las fuentes árabes. Según Yaqūt, Tāriq en el momento de la conquista la encuentra en ruinas. La primera noticia sobre Medinaceli nos la proporciona Ibn Hayyān alrededor del 839, cuando la ciudad es objeto de una incursión cristiana atribuida al cristiano Ludrīq, siendo defendida por Mūsa ibn Mūsa de los Banū Qasī, lo que implicaría una fundación en época anterior. El Islam en la zona supone el asentamiento de los Banū Salīm, tribu de origen bereber emparentados con los señores de Guadalajara, ya que Faraʿ b. Masarra b. Sālim, gobernador de Jaén (826) era miembro de los Banū Salīm b. Warʿamal linaje bereber de la tribu Masmūda clientes de la tribu árabe Mahzūm, cuyo antepasado epónimo Salīm fue el constructor de Medinaceli¹³. Se documenta desde finales del IX principios del X, la Marca de los Banū Salīm -leales al poder omeya en un momento en el que las sublevaciones en la rebelde Toledo y en los núcleos de la Marca Superior hacen difícil mantener el control Omeya- se concibe como un espacio de control desde donde poder combatir las rebeliones en los *tūgur*, constituyéndose en un espacio con entidad propia, del que la *madīna* Guadalajara sería el centro administrativo y de control del territorio adyacente, orbita en la que se encuentra Medinaceli, que en principio operaría como un *ḥiṣn* de cierta importancia en el control del valle del Jalón. Los cambios de poder y de las familias que controlan espacios son frecuentes en al-Andalus, dejando de

¹¹ MAZZOLI GUINTARD, Christine - *Ciudades de al Andalus* ..., pp.30-49.

¹² TORRES BALBÁS, Leopoldo - "Ciudades hispanomusulmanas de nueva fundación". in *Études d'Orientalisme dédiées a la memoire de Lévy Provençal*. Vol. II. París: G.-P. Maisonneuve et Larose, 1962, pp. 794-795.

¹³ IBN HAYYĀN - *Muqtabis II-I, Crónica de los emires Alḥakan I y 'Abderrahāman II*, §177r, §180 r. p. 293. Sobre los Banū Sālim, BUENO SÁNCHEZ, Marisa - "La importancia de los linajes bereberes en la construcción social de la Marca Media. Los Banū Sālim como ejemplo". *Revista del Instituto Egipcio de Estudios Islámicos* 39 (2011), pp. 167-190.

gozar los Banū Sālīm del favor de los califas el 920 año en el que son destituidos del control de Guadalajara y de las ciudades del entorno ya que la población tenía quejas contra ellos¹⁴. Los Banū Sālīm son destituidos del poder en Guadalajara, pero es en ese momento cuando toma protagonismo Medinaceli por su importancia estratégica; de hecho, en el itinerario de la campaña de Muez del 920 utiliza la villa como punto de partida para un ataque a los enclaves del Duero, Osma, San Esteban de Gormaz y Clunia. Así mismo en el 933 ‘Abd-el -Rḥmān III envía al visir ‘Abd al Hamīd ibn Basīl desde Medinaceli para enfrentarse a la rebelión de los Tuyibíes¹⁵.

Se reconstruye la ciudad en el 946 trasladando allí la capital de la Marca Media, adquiriendo el rango de *madina* y capital de distrito, ahora militarizado por una época de conflictos con los reinos del norte y el consiguiente cambio de funciones del *tağr*. El proyecto de *reconstrucción* y *repoblación* de la frontera es encargado por ‘Abd-el -Rḥmān III a alguien que procedía de la frontera: su liberto Gālib. Llegaron albañiles de toda la frontera para rehacer el encintado de la ciudad que se encontraba *desierta*. Las operaciones se realizaron en un par de meses de agosto/ septiembre del 946¹⁶, de modo que la operación debió consistir en una pequeña rehabilitación de murallas y alcazaba, no siendo una reedificación, sino unas simples reparaciones que simbolizaban el paso al control administrativo califal¹⁷. Geógrafos y cronistas a partir del siglo X la mencionan como cabeza de una demarcación administrativa: Al-Maqadassi (946-988) e Ibn Gālīb lo citan como una *kūra* administrativa¹⁸. Al-Ūdri también en el siglo X nos habla de la “Marca de los Banū Sālīm” y Al Razī dice que es cabeza de un vasto distrito sin mencionar los castillos de su entorno¹⁹.

Desde Medinaceli el general Omeya Gālib cubre la misión de asegurar la frontera con Castilla, apoyándose en la fortaleza de Gormaz, eclipsando a Atienza como punto de partida de las campañas hacia el Norte²⁰. En el 980 este general será el único en mantener las prerrogativas del califa Hišam II oponiéndose a su yerno Almanzor, comenzando entre ambos una guerra civil siendo apoyado Gālib por los cristianos²¹. Medinaceli se convertirá en objetivo de Almanzor, hasta que es ocupada y convertida en cabeza de operaciones. En el 995 Almanzor ataca el área de San

¹⁴ IBN ḤAYYĀN - *Muqtabis V; Crónica del Califa Abderraḥmān II an Nasir (912-942)*. Ed. M^a Jesús Viguera Molins; Federico Corriente. Madrid- Zaragoza, 1981, p. 105; IBN ‘IDĀRĪ - *Al Bāyan Al Muğrib fi Ajbār Al-Andalus, Histoire de l’Afrique et de l’Espagne intitulée al-Bayano al-Mogrib*. Ed. Edmond Fagnan. Vol. II. Argel, 1901-1904, p. 292.

¹⁵ AL-UDRĪ - “La Marca Superior en la obra de al-Udrī”. Ed. Fernando De La Granja - *Estudios de la Edad Media Corona de Aragón* 8 (1967), p. 447, párrafo 98; IBN ḤAYYĀN - *Muqtabis V...*, pp. 243-244, §218-219.

¹⁶ IBN ‘IDĀRĪ- *Al Bayan* Ed. Fagnan. Vol. II, p. 397.

¹⁷ GÓMEZ MARTINEZ, Susana - “La cerámica islámica de Medinaceli”. *Boletín de Arqueología Medieval* 10 (1996), p. 126.

¹⁸ VALLVÉ, Joaquín - *La división territorial de la España musulmana*. Madrid: CSIC, 1986, pp. 227-228.

¹⁹ AL-RĀZĪ - “La description de l’Espagne” d’Aḥmād al-Rāzī. Essai de reconstitution de l’original arabe et traduction française”. Ed. Evariste Levi Provençal - *Al Andalus* 18 (1953), p. 80.

²⁰ VALLVÉ, Joaquín - *La división territorial* ..., p. 308.

²¹ IBN ‘IDĀRĪ - *Al Bayan* ... Ed. Fagnan. Vol. II, pp. 463-465, §298.

Esteban de Gormaz y Clunia, y Garcí Fernandez le responde con incursiones en el área de Medinaceli, recuperando también Clunia y San Esteban²². En el año 1000 parten de allí la campaña contra Cervera y en el 1002 la de la Rioja en la que fallece el propio Almanzor²³.

De la época amirí tenemos noticias varias de la importancia del emplazamiento por allí pasará de ‘Abd al Malik b. Abī ‘Āmir, conocido como Abū Marwān al-Muzarraḥ, hijo de Almanzor como *hāyib* (chambelán) de Hišām II (9 de agosto de 1002), realiza su primera incursión hacia el país de los francos²⁴. El objetivo de esta expedición según Ibn Īdarī era el *Ḥiṣn Madanīš*, el castillo de Meyá a fin de sorprender a sus gentes, para después tomar *Ḥiṣn Mumaqšar*²⁵.

Los generales al mando en Medinaceli en ese periodo fueron Qand un mawālī de los omeyas de la órbita de Gālib²⁶, y a partir de 1009 Wāḍiḥ²⁷. Tras la muerte del hijo de Almazor en el 1008 es nombrado como nuevo *hāyib*, su hermano ‘Abd al Raḥmām b. Abī ‘Āmir apodado como Šanʿul, que más tarde sería nombrado heredero al trono por Hišām, año 399/1008-1009, provocando con ello la *fitna*. De carácter blando y dado a los placeres, abandona Córdoba en enero de 1009 con condiciones adversas en una campaña contra los gallegos. Los hechos políticos de la *fitna* en Córdoba salpican directamente en Medinaceli, participando su regidor en las intrigas y maniobras de poder de ambos bandos. Aprovechando esa ausencia se produce la sublevación de Muḥammad b. Hišām b. ‘Abd al-Ŷabbār b. Ābd al-Raḥmān an Nāsir, conocido como *Al-Maḥdī*, pero el vulgo lo llamaba *El Mangas*, a consecuencia de su blandura, inconstancia y ligereza²⁸. En el año 1009, llegó a Córdoba una carta de Wāḍiḥ, regidor de Medinaceli y de toda la frontera media, con su obediencia y sumisión a favor del nuevo Califa, expresando su alegría por la muerte de ‘Abd al Raḥmām b. Abī ‘Āmir, Sanchuelo que había sido asesinado en Córdoba junto a su partidario Ibn Gómez²⁹. Recibió Muḥammād a su enviado y lo reenvió a Wāḍiḥ con las gracias al tiempo que le enviaba por medio del mismo enviado, dinero tapices, ropajes y rarezas de precio confiriéndole el mando de toda la frontera³⁰. A pesar de la obediencia de Wāḍiḥ la situación es complicada en Córdoba. Al Maḥdī es depuesto por Sulaymām b. Ḥakam en Noviembre de 1009 con un grupo

²² *Anales Toledanos I*. Ed. Enrique Florez. *España Sagrada*, XXIII, 1767, p. 387

²³ *Dirk bilād al-Andalus - Una descripción anónima de al-Andalus*. Ed. Luis Molina. Madrid: CSIC, 1983, p. 204.

²⁴ IBN ‘IDĀRĪ - *La caída de Califato de Córdoba y los reyes de taifas*. Ed. Felipe Maillo Salgado. Salamanca: Universidad, 1993, p. 13.

²⁵ HERNÁNDEZ JÍMEZ, Francisco - “Estudios de geografía histórica española, *Mumaqšary Madanīš*, Montmagastre y Meyá”. *Al Andalus* 6 (1941), pp. 339-355.

²⁶ IBN ḤAYYĀN - *Muqtabis V* ..., p.179.

²⁷ IBN ‘IDĀRĪ - *La caída de Califato de Córdoba*, p. 73.

²⁸ IBN ‘IDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, pp. 47 y 56.

²⁹ IBN ‘IDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p. 73

³⁰ IBN ‘IDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p. 76.

de esclavos amiríes y los bereberes, produciéndose una revuelta beréber que tendría como objetivo la propia Medinaceli, esperando que Wāḍiḥ hiciese las funciones de intermediario entre ellos y *el califa usurpador*, a lo que se niega produciéndose un enfrentamiento. La posición de Sancho García es clave en este momento, entrando en el delicado juego de las alianzas que puede proporcionarle una expansión de su área de influencia. Sancho García apoya a los bereberes obteniendo en caso de triunfo las ciudades que quisiera de la frontera, suministrándoles víveres y todos los pertrechos necesarios. Luego el cristiano se puso en marcha con los bereberes hacia Medinaceli y enviaron decir a Wāḍiḥ, que deseaban hacer la paz con él por la aversión a combatir y con los que él estaban, pero este se negó a la paz pactada y entrega de castillos. Se produce un enfrentamiento entre 25 de agosto y 25 de septiembre de 1009 en las cercanías de Alcalá de Henares, apoderándose los bereberes de todo lo que había en el ejército de Wāḍiḥ, dinero y armas siendo ocupada Medinaceli por los bereberes³¹. Poco después los bereberes son expulsados de Córdoba y Sancho García los seguirá apoyando acompañándolos a Córdoba participando en la deposición de Al Madhī y reclamando los *ḥuṣun* que aún estaban en poder del gobernador de Medinaceli. Wāḍiḥ, intrigará con ambas partes jugando un papel clave. En principio fiel al Madhī, llama a un ejército de francos que entraron en Medinaceli tomando posesión de ella³², y más tarde Wāḍiḥ, traicionaría a Al-Ŷabbār, conspirando con una facción de esclavos amiríes, entrando en el alcázar de Córdoba el 23 de julio de 1010, y apoyando a Hišam II Al-Ḥakam, los esclavos amiríes le cortaron la cabeza y tiraron su cuerpo al arrecife, volviendo el Califato a Hišam II Al-Ḥakam. Nombró para el cargo y oficio de *hāyib* a Wāḍiḥ, y éste mandó la cabeza de ‘Abd Al-Ŷabbār, a Sulaymām escribiendo a los bereberes exhortándolos a la paz³³. Tanto los *Anales Castellanos* como Ibn ʿIdārī hacen eco de las exigencias del navarro Sancho Garcés que conseguiría algunas de las plazas del Duero³⁴.

Rota la unidad de al-Andalus con la disgregación taifa el distrito que encabeza Medinaceli se mantendrá adscrito a la taifa de Zaragoza³⁵ pero basculando entre ésta y Toledo por los enfrentamientos entre los Banū dil-Nūm de Toledo y los Banū Hūd de Zaragoza³⁶.

³¹ IBN ʿIDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, pp. 82-83

³² IBN ʿIDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p. 88.

³³ IBN ʿIDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p. 93

³⁴ *Anales Castellanos II*. Ed. Manuel Gómez Moreno. Madrid: RAH, 1917, p. 26; IBN ʿIDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p. 93

³⁵ *Dirk bilād al-Andalus - Una descripción anónima de al-Andalus*. Ed. Luis Molina ..., p.77

³⁶ VIGUERA, M^a Jesús Molins - *Aragón musulmán*. Madrid: Mira Editores, 1988, p. 187.

2. Impacto de la ocupación islámica: Mutaciones desde la tardoantigüedad

El río Jalón y sus pequeños afluentes constituyen un área de aprovechamiento agrícola que condiciona la presencia de asentamientos humanos y que articuló a la población residual después de la desestructuración del sistema romano. En Medinaceli se abandona el espacio de la *urbs*, pero algunos asentamientos rurales perviven, o se reocupan tras un breve hiato de abandono con otras funciones. La datación de estos emplazamientos proviene de informes de prospección realizados con motivo de la ampliación de la autopista Madrid-Barcelona, prospección de la construcción del AVE y la instalación de algunos parques eólicos, siendo poco frecuentes las intervenciones en yacimientos rurales. Cuando analizamos un paisaje existen dos conceptos que se manejan el de superposición, implica la reocupación de estructuras, que sólo es visible en el emplazamiento urbano, pero el criterio no es válido para analizar el impacto de la ocupación islámica en todo el área, si bien como se verá se produce la reocupación de algunas estructuras de poblamiento, en muchos casos se produce la yuxtaposición, creándose nuevos emplazamientos para el control del valle en función de las nuevas necesidades políticas.

El entorno de la villa de Medinaceli fue ampliamente ocupado en la época alto y bajo imperial desestructurándose esa forma de ocupación territorial en la tardo antigüedad. Algunos de los emplazamientos rurales sobreviven, pero cambian de funciones sobreviviendo hasta la alta edad media. En el momento de ocupación islámica en las zonas próximas a Medinaceli, había un poblamiento rural disperso del que no existen noticias escritas pero que se desprende de la información arqueológica y de noticias bibliográficas que informan de yacimientos desaparecidos, estos emplazamientos como en otros lugares de la península son prácticamente invisibles y fueron a la vez espacios productivos y de residencia³⁷. Entre ellos se encuentra el enclave de la Revilla, un lugar de explotación agrícola, dada su estratégica situación en la zona de vega, detectado a partir la cerámica de superficie fundamentalmente materiales de pastas grises muy toscas que se puede adscribir al periodo altomedieval³⁸. Otro emplazamiento asociado al mundo tardo romano es el conocido como *El Desmonte* ya en el área cercana a Torralba del Moral, (1070 mts.) situado a pie de monte sobre la margen del arroyo de La Mentirosa. Situado en el fondo de valle donde el Jalón se encajona creando una suave vega en U. El yacimiento se ubica en plataformas sucesivas de perfil amesetado, cortadas por una trinchera de la época del ferrocarril, y que hoy se usa como camino. Sobre una de las terrazas se observa abundante material calizo que podría pertenecer a las

³⁷ QUIRÓS CASTILLO, José Antonio - "Las aldeas de los historiadores y de los arqueólogos en la Alta Edad Media del Norte Peninsular". *Territorio, Sociedad y Poder* 2 (2007), pp. 65-86.

³⁸ Soria, Museo Numantino. 98/77/1-5.

construcciones de las que no queda rastro visible. Los materiales que aparecen son poco diagnósticos, restos de terra sigilata hispánica muy rodada y cerámica común de cocina. Plantea problemas de adscripción crono cultural, con una secuencia entre el mundo tardo romano y el altomedieval, profundamente afectado por el trazado de la trinchera del ferrocarril. Los materiales cerámicos del periodo romano, terra sigilata, cerámica común a torno y material constructivo y teja se encuentran agrupados en un sector del emplazamiento; mientras que la cerámica a mano de cocción reductora, presentando algunas piezas superficies bruñidas³⁹.

De clara adscripción tardo-antigua es el yacimiento de la Revilla situado en la confluencia de los arroyos del Salobrar y de la Mentirosa con ocupación en época tardo antigua y altomedieval en función de la dispersión de los materiales, de pastas grises con abundantes degradantes minerales, cocciones reductoras; así como terra sigilata con decoración circular⁴⁰.

Al sur este de Fuencaliente de Medinaceli, en el borde de la paramera en el margen derecho del río Jalón se tienen noticias de una necrópolis a una altitud de 1080 m que ya recogía Taracena en la Carta Arqueológica de Soria y que consideraba como *visigodo*⁴¹ y que actualmente se asocia al poblamiento rural altomedieval sin adscripción étnica, conocida como *La Mantilla II*, próxima a un yacimiento en el cerro en el que se encuentra la estructura rehundida de una torre, material constructivo disperso materiales cerámicos de pastas grises y pardas, bien tamizadas, con grasas minerales, de diferentes cocciones oxidantes y reductoras. Destacan los bordes vueltos y los fondos moldurados de ollas y jarras. Los elementos decorativos no son muy abundantes, destacando algún fragmento con incisiones paralelas y horizontales que pueden ser asociadas con cerámicas tardo antiguas del área del Duero⁴².

En las proximidades del arroyo de la Mentirosa el yacimiento de *El Tormo* (Fuencaliente de Medinaceli) con una secuencia de reocupación desde la Edad de Hierro a la Edad Moderna con hiatos temporales. Las intervenciones se realizaron en 1987 y 1992 con el objetivo de documentar y consolidar las estructuras de una excavación clandestina realizada con la intención de encontrar la tumba de Almanzor. Como consecuencia de estas intervenciones se pone en evidencia la existencia de

³⁹ Inventario arqueológico de Soria, Expediente, 42-113-001-06.

⁴⁰ Inventario Arqueológico de Soria, Expediente, 42-113-0007-21.

⁴¹ TARACENA, Blas - *Carta arqueológica de España*. Soria. Madrid, 1941, p. 65; GAYA NUÑO, Benito - "Soria visigoda, ensayo de una síntesis". *Celtiberia* 7 (1951), p. 63; CABALLERO ZOREDA, Luis - "Arqueología tardo-romana...", p. 446; ORTEGO Y FRÍAS, Teógenes - "Edad antigua". in *Historia de Soria*. Vol. I. Madrid, 1985, p. 200; GÓMEZ SANTACRUZ, Julio - "Aproximación al poblamiento rural hispanorromano en la provincia de Soria". in *Actas II Symposium de arqueología Soriana*. Vol II. Soria, 1992, pp.937-956.

⁴² Soria, Museo Numantino. 98/75/1-6; LARRÉN IZQUERDO, Hortensia - "Ensayo de sistematización de cerámica tardoantigua en la cuenca del Duero". in CABALLERO ZOREDA, Luis; MATEOS, Pedro; RETUERCE, Manuel (eds.) - *Cerámica tardoromana y altomedieval en la península Ibérica. Anejos de AEspA* 28 (2003), pp. 273-306.

como describe al-Razī, “fue encontrado en ruinas por Tāriq, hijo de Nuṣṣayr, los musulmanes después lo repoblaron”⁴⁵. Ahora bien, ¿qué espacio es el que se encuentra en ruinas? En la Villavieja se encuentran las ruinas de un emplazamiento de la edad del Hierro; y en la villa los restos de la ciudad romana con el arco romano visible y ya deteriorado en el momento de la conquista⁴⁶. Considerando los datos arqueológicos en época islámica se produce una distribución de la ocupación en los dos cerros testigos, existiendo en ambos casos indicios de ocupación tanto en época emiral como califal, siendo muchos más frecuentes los materiales califales. Para Schulten y Taracena, la Villavieja corresponde a la ciudad de Ocilis teoría cuestionada por Arlegui⁴⁷, pero con reocupación en época islámica. Los restos cerámicos procedentes de la Villavieja provienen de campañas muy antiguas, en concreto la campaña de Mérida de 1924, así como de algunas prospecciones más recientes realizadas en los años 90 del siglo XX. En este emplazamiento se detectaron formas constructivas características del mundo andalusí, como la cimentación con mortero de cal y la existencia de muro sin forro con cal y canto, ajenos al mundo celtibérico, así como material cerámico estudiado por Susana Gómez. El estudio proporciona las bases de partida para el estudio cerámico de los materiales de la villa. Fundamentalmente pastas anaranjadas con intrusiones de mica, caliza y cuarzo, modeladas a torno rápido realizándose a mano algunos elementos concretos de las piezas como asas; la cocción de las pastas de su muestra es mayoritariamente oxidante (73,7%) siendo frecuente el estriado y las incisiones. En cuanto al acabado encontramos un elevado número de ejemplares de cerámica vidriadas, casi siempre formas abiertas, aunque también lo encontramos en redomas y jarritas. Es frecuente el vedrío monocromo plumbífero al interior y al exterior melado semitransparente con matices que van desde el anaranjado al verde. En cuanto al vidriado bicromo solo se encuentra en la muestra un ejemplar de melado y morado manganeso bajo el vedrío. Aparecen también cerámicas pintadas en líneas negras verticales, con importante vinculación a los motivos decorativos de la Marca Media en la Meseta⁴⁸. Algunos ejemplares de cerámica de lujo de los siglos X y XI ponen de manifiesto la importancia política administrativa del enclave, destacando las piezas con decoración epigráfica del Museo Arqueológico Nacional⁴⁹. Sin embargo, no aparece en la muestra cerámica a

⁴⁵ AL RĀZĪ - “La Description de l’Espagne”. Ed. Evariste Levy Provençal. *Al Andalus* 18 (1953), p. 80.

⁴⁶ ABAD CASAL, Lorenzo - “El arco de Medinaceli. Un monumento singular en la Hispania romana”. in ABASCAL, Juan Manuel; ALFÖLDY, Géza (ed.) - *El arco romano de Medinaceli (Soria, Hispania Citerior)*. Madrid: RAH, 2002, pp. 119-139.

⁴⁷ ARLEGUI SÁNCHEZ, Mariam - “Introducción al estudio de los grupos celtibéricos del Alto Jalón”. in ARGENTE OLIVER, José Luis; SÁNCHEZ, María Carmen (eds.) - *El Jalón, vía de comunicación*. Soria: Junta de Castilla y León, 1990, pp. 42-44.

⁴⁸ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana - “Cerámica islámica de Medinaceli”. *Boletín de Arqueología Medieval* 10 (1996), p.142; RETUERCE VELASCO, Manuel - *La cerámica andalusí de la Meseta*. 2 vols. Madrid, 1998.

⁴⁹ Museo Arqueológico Nacional, 1978/72/1; MAN 63092.

cuerda seca parcial o total, elementos que si aparecen en las excavaciones de urgencia realizadas en el cerro gemelo, en la actual ubicación del núcleo urbano.

En cuanto a la ocupación islámica de la villa de Medinaceli las estructuras se juxtaponen y en ocasiones superponen a los restos de época romana, los más visibles en el emplazamiento actual, sin que en el cerro se hayan documentado elementos del periodo pre-islámico posteriores al siglo II. Sobre una meseta escarpada, por todos sus lados excepto por el lado suroccidental, cota máxima de 1206 m., se encuentran los restos de una ciudad romana protegida por una muralla. El perímetro tiene una forma trapezoidal de 600 m de longitud y entre 100 y 450 m de anchura, ocupando una superficie aproximada de 36 hectáreas. El emplazamiento se declara bien de interés cultural en el año 1963, y a partir de las excavaciones de urgencia y de rehabilitación del Arco Romano ha ido emergiendo gran parte de la primitiva ciudad romana⁵⁰.

Entre 1990 y 2008 se incrementa el número de intervenciones urbanas en Medinaceli como consecuencia del auge de la villa y del gran número de obras privadas y públicas realizadas en ese periodo: obras de mejora del tejido hidráulico y eléctrico, para la mejora y restauración de inmuebles particulares. Estas intervenciones han puesto en evidencia una secuencia de superposición de la villa islámica sobre las estructuras romanas, y la posterior amortización de todo el espacio tras la conquista cristiana. A partir del 2011 la crisis hizo disminuir el número de intervenciones, pero tanto las memorias de excavación como el estudio de materiales depositados en el Museo Numantino de las actuaciones previas han permitido realizar una aproximación. Si bien no se han identificado las trazas de los edificios más importantes, como la mezquita de la que solo tenemos noticia escrita a través de una de sus destrucciones mencionada por Ibn ʿIdārī a principios del siglo XI⁵¹, al menos aparecen estructuras en negativo con material islámico procedente de la amortización de estos espacios tras la ocupación y reordenación castellana de la villa, y restos de muro amortizando casas romanas.

Por un lado, la presencia de aljibes es clave en la villa puesto que el nivel freático se encuentra a un nivel inferior, cercano a la fuente de la Canal. Por ese motivo la presencia de aljibes tanto en época romana como en época islámica es fundamental para el abastecimiento de la ciudad. Según Pavón Maldonado los aljibes de época romana serían de mayor tamaño produciéndose en época islámica una

⁵⁰ La villa alto-imperial se encuentra ampliamente documentada en múltiples trabajos: ABAD CASAL, Lorenzo - "El arco de Medinaceli. Un monumento singular en la Hispania romana ...", pp. 119-139; GARCÍA BELLIDO, Antonio - "Arcos honoríficos romanos en Hispania". *Colloquio italo-spagnolo sul tema: Hispania romana (Roma, 15-16 maggio 1972)*. Roma, 1974, pp. 7-27; ORTEGO Y FRÍAS, Teógenes - *Historia de Soria*. Soria, 1985, pp. 165-168, ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan - "El proceso de islamización en la provincia de Soria". in DE LA CASA MARTÍNEZ, Carlos (ed.) - *I Symposium de Arqueología Soriana*, Soria, 1984, pp. 481-496.

⁵¹ IBN ʿIDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p.88.

fragmentación⁵². Se aumenta la presencia de aljibes en la villa, tanto de uso público como en el existente en las cabellerizas del castillo, en relación con el recinto castrense en el que se ubica y adscrito al periodo islámico⁵³; así como los de uso privado, como el que aparece en las obras de la calle Barranco⁵⁴.

Así mismo, resulta significativo la presencia de silos, estructuras negativas rellenas de material cerámico fragmentado de diferentes periodos, fundamentalmente de época islámica y colmatados de tierra y un alto contenido de tierra carbonos y cenizas. Los silos aparecen reutilizados como basureros y no siempre asociados a estructuras de habitación. Entre las intervenciones destacadas en el recinto urbano, se encuentran los silos del área de San Julián tanto los de la calleja de San Julián 27 (intervención en el año 2007)⁵⁵, como los encontrados en la Plaza de San Julián o en la cercana calle Herrerías. Se han encontrado estructuras similares en múltiples excavaciones en la villa; excavaciones en el Arco romano del año 1991 y en 2002⁵⁶; en la calle Barranco en 1990 y 2007⁵⁷; en 1998 en las excavaciones de la Plaza Mayor y en la Plaza de Santiuste⁵⁸; en 1996 en la Plaza del Hospital⁵⁹; en la Plaza de san Pedro en 2001⁶⁰; en la Calle san Nicolás 13 en el 2002⁶¹; y en la calle Hospital 1 en el 2003⁶². Las estructuras negativas son las más frecuentes para documentar las secuencias urbanas en la Marca Media, con el problema de la ausencia de estratigrafía precisa de los materiales contenidos en los silos, donde se recoge de forma indiscriminada tanto material romano como islámico, lo que indica la amortización de esos silos en el periodo de la conquista cristiana. A pesar de la ausencia de estratigrafía se puede establecer una periodización del material teniendo en cuenta tanto el conocimiento

⁵² PAVÓN MALDONADO, Basilio - *Tratado de arquitectura hispanomusulmana*. El agua. Vol. 1. Madrid: CSIC, 1990, p. 90.

⁵³ DE LA CASA MARTÍNEZ, Carlos *et alli* (eds) - *Castillos de Soria. Aproximación a la arquitectura militar medieval*. Valladolid: Junta de Castilla y León, 1990, p.98.

⁵⁴ RUIZ DE MARCO, Antonio *et alli* - *Seguimiento y excavación arqueológica de las obras de mejora de abastecimiento de aguas de Medinaceli, Informe depositado en el Servicio Territorial de Cultura de Soria*. Soria, 1993.

⁵⁵ ARELLANO, Oscar *et alli* - *Intervención arqueológica de la calle san Julián 27*. Informe inédito depositado en el Servicio Territorial de Cultura de Soria, 2007.

⁵⁶ MARINÉ, Marina - "Informe de las excavaciones arqueológicas realizadas en el Arco romano de Medinaceli. Campaña de 1991". in ABASCAL, Juan Manuel; ALFÖLDY, Géza (ed.) - *El arco romano de Medina ...*, pp. 23-44.

⁵⁷ HERAS, Elena *et alli* - *Informe de la intervención arqueológica en la zanja de abastecimiento de agua en Medinaceli*, 1990.

⁵⁸ BOROBIO, María Jesús *et alli* - *Informe de la campaña de excavación en Medinaceli*. Soria, Informe depositado en el STCS, 1988.

⁵⁹ ARELLANO, Oscar *et alli* - *Seguimiento arqueológico de la Plaza del Hospital de Santa Catalina y calles adyacentes. Medinaceli (Soria)*. Informe depositado en el STCS, 1996.

⁶⁰ ARELLANO, Oscar *et alli* - *Excavación arqueológica de la Plaza de san Pedro. Fase II. Medinaceli (Soria)*, Informe depositado en el STCS, Soria, 2001.

⁶¹ ARELLANO, Oscar *et alli* - *Seguimiento arqueológico de la Calle san Nicolás 13, Medinaceli (Soria)*, Informe depositado en el STCS, 2002.

⁶² SANZ ARAGONESES Alberto *et alli* - *Informe de los trabajos de excavación arqueológica en el canal documentado en la calle del Hospital 1, Medinaceli, Soria*. Informe depositado en el STCS, 2003.

del referente cerámico de la Marca Media como otras excavaciones realizadas en los entornos próximos. La ausencia de estratigrafías provocó la necesidad de contrastar los materiales con otros procedentes de contextos estratigráficos mejor datados como los materiales del Tunel de Aguas Vivas de Guadalajara lo que ha permitido datar algunos materiales en la fase emiral como ollas globulares de continuidad del mundo tardo romano con posterioridad en la fase posterior⁶³

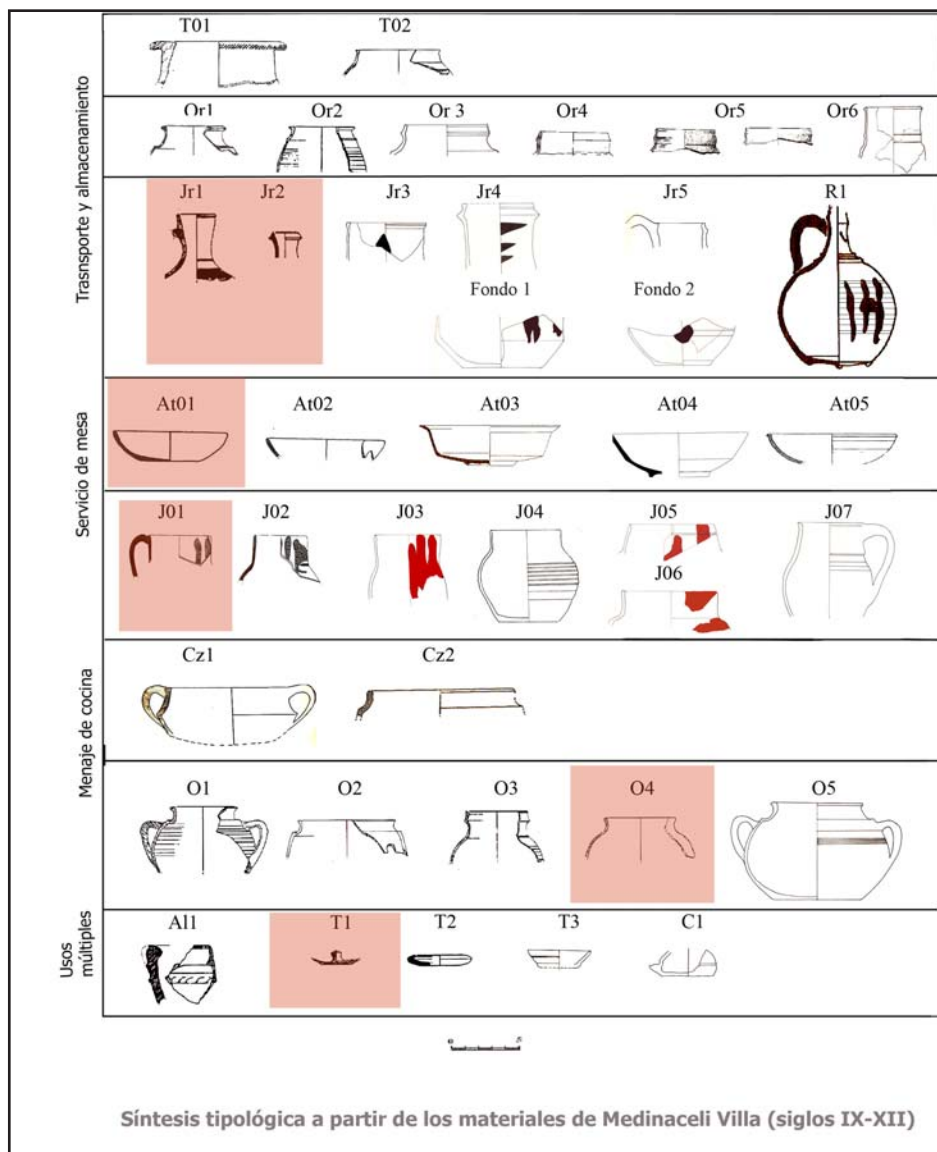


Fig. 3 - Tipología de cerámica islámica a partir de los materiales de Medinaceli villa (siglos IX, XII)

El material tipológicamente corresponde a la cerámica andalusí frecuente en otros centros de la Marca Media, principalmente Guadalajara. Algunos autores han asimilado algunas características formales tipológicas con tipos cerámicos de influencia beréber, como las “ollas con escotadura en hombro” o jarritas de cuello cilíndrico y cuello globular⁶⁴, pero realmente no conocemos los rasgos definitorios de los bereberes y la cerámica del contexto territorial del área de Guadalajara y Medinaceli se adscribe a las características formales de la cerámica andalusí. En el análisis cerámico resulta evidente una fase califal en la que predominan las decoraciones en melado y verde manganeso produciéndose la sustitución de formas nuevas de modo definitivo, ollas y jarras con escotadura en hombro, atafiores de pie convexo, y el repertorio formal de formas clásicas califales. Por último, entre los materiales se detecta una fase final de época taifa en la que se mantienen las formas y se introducen nuevas formas decorativas como la cuerda seca parcial y total, con decoraciones variadas, destacando los motivos geométricos, los dientes de sierra, eslabones, trenzas y zoomorfos. Este tipo de decoraciones se asocia a la influencia de la Marca Superior, aunque su presencia podría atribuirse a intercambios comerciales con la Marca Superior⁶⁵.

A nivel urbanístico no podemos documentar el proceso de saturación de la *madīna*, solo sabemos que algunas de las casas se construyeron directamente sobre las antiguas casas romanas, reutilizando sus suelos, en caso se observa la amortización de la casa romana en la nueva construcción islámica, como se observa en la excavación de la Plaza de San Pedro, fase II, en la que se amortizan esos espacios y aparecen yeserías en los derrumbes, lo que implica que posiblemente corresponda a las moradas de las élites. La ocupación cristiana alteró la morfología urbana, reaprovechándose algunos espacios y estructurándose el urbanismo en torno a las parroquias⁶⁶.

Al margen de la ocupación tanto de la Villavieja como de la villa, las primeras épocas de control andalusí supusieron el control del valle del Jalón, a esta funcionalidad debieron obedecer las improntas de torre que se encuentran derruidas en varios de los emplazamientos citados. Así en el mencionado yacimiento de la Mantilla I se observa la cimentación de una torre. De la misma apenas quedan restos en altura, observándose una hondonada de unos dos metros de profundidad que marcaría la impronta de una torre de unos seis metros de lado de planta cuadrangular.

⁶⁴ BERMEJO, José Luis; LÓPEZ ASTILLEROS, Kenia - “La producción cerámica en el entorno del Henares durante los siglos IX y X”. in *Actas del V Encuentro de Historiadores del Valle del Henares*. Guadalajara, 1996, pp. 79-85.

⁶⁵ DELERY, Claire - “Using *Cuerda Seca* Ceramics as a Historical Source to Evaluate Trade and Cultural Relations between Christian Ruled Lands and Al-Andalus, from the Tenth to Thirteenth Centuries”. *Al-Masaq, Journal of the medieval Mediterranean* 21 (2009), pp. 31-58.

⁶⁶ BUENO SÁNCHEZ, Marisa - *De la madina a la villa. Transformaciones del espacio urbano en un área de frontera*. in RÍOS SALOMA, Martín (ed.) - *El mundo de los conquistadores*. Madrid: Silex, 2015, pp. 159-196.

En el flanco norte se observa parte del relleno del muro trabado de argamasa y cal, desapareciendo los sillares del forro de reutilizándose en construcciones de época posterior posiblemente en una construcción reciente cercana: una taina o paridera de la falda oriental que en uno de su muro oeste presenta sillares de arenisca y caliza bien escuadrados, en seis hiladas de 6 metros de lado por dos de ancho. El emplazamiento pudo ser ocupado por contingentes islámicos y cristianos en épocas sucesivas, sólo la excavación del emplazamiento podría aportarnos más datos.

Aunque tradicionalmente asociamos las atalayas de control a estructuras circulares, lo cierto es que encontramos también restos de torres cuadradas, como en Mezquetillas, Alto de la Mina (Morales-Aguilera). En el área próxima existen otros emplazamientos con indicios de desarrollo de torres cuadradas con muro en espiga en Monteagudillo (Benamira),⁶⁷ y el también mencionado yacimiento del Tormo⁶⁸. El grado de conservación de las mismas no es homogéneo, siendo algunas de ellas reaprovechadas en edificios posteriores y transformadas en iglesias como el caso de Mezquetillas⁶⁹. Estructuras de carácter circular encontramos en la zona como la torre ubicada en la Sierra de la Pela, de la que no queda más que la base de la estructura de un metro⁷⁰, o la atalaya muy desmantelada del cerro de la Villanueva, en este caso de estructura circular, considerada como atalaya vigía en la vía de Medinaceli a Berlanga en la conexión con la Villavieja y la atalaya cercana de Miño de Medinaceli, de la que no se conserva más que la cimentación y la primera hilada⁷¹. Estructuras similares son frecuentes en la zona como la impronta de atalaya circular del cerro del Castillo (Torralba de Ambrona⁷²), o una atalaya de control en las proximidades del arroyo del Salobrar. Todos estos ejemplos están muy arrasados y no se ha realizado excavaciones en el entorno. En función de su material constructivo se asocian con torres de control de territorio rural, posiblemente de la primera fase de ocupación, antes de la refortificación califal. Solo una excavación arqueológica en estos enclaves podrá determinar su adscripción crono-cultural precisa.

Determinar las fases constructivas de estos enclaves asociándolas al periodo emiral o califal es arriesgado sin realizar las excavaciones pertinentes. Sin embargo

⁶⁷ LORENZO CELORRIO, Ángel - *Compendio de castillos medievales de Soria*. Soria: JCYL, 2003, p. 52.

⁶⁸ FERNÁNDEZ GARCÍA, Juan J. - "Fuencaliente de Medina ...", p. 307.

⁶⁹ ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan - "Fortificaciones tempranas en al-Andalus (VIII-X)". in FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Simpósio Internacional sobre Castelos 2000*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2002, pp. 45-58.

⁷⁰ HERRERA CASADO, Antonio - *Guía de campo de los castillos de Guadalajara*. Guadalajara: Aache Ediciones, 1999, pp. 67-88.

⁷¹ HUETE, Mario; LLUL, Pilar; MOLINA, Juan - "Un itinerario musulmán de ataque a la frontera castellana en el siglo X: fortalezas, castillos y Atalayas entre Medinaceli y San Esteban de Gormaz". *Castillos de España* 93 (1983), pp. 3-14.

⁷² Inventario Arqueológico de Soria, Expediente 42-113-0011-02.

la refortificación de la zona a partir del 946 implicó el fortalecimiento de itinerarios precisos para llegar al Duero, siendo las torres de esas áreas las que sufrieron las reformas observándose el uso de sillares a soga y tizón con módulos establecidos lo que implica un proceso de construcción dirigida y con una clara funcionalidad política en el caso de las torres cuadradas *burý*, como en el caso de Alcubilla de las Peñas⁷³, y una tipología de sillares mejor trabajados en las atalayas circulares. En este sentido los estudios de Juan Zozaya en los que establece una tipología inicial entre atalayas o torres circulares, *burý*, y los *hişn*, castillos⁷⁴, y los de Retuerce que relaciona los emplazamientos con los itinerarios y calzadas⁷⁵ abrieron una vía de investigación que actualmente se completa con los estudios de arqueología de la arquitectura.

En las proximidades de Medinaceli varios castillos controlaron el entorno del Jalón y el paso hacia Calatayud y la Marca Superior. Por un lado, el castillo de Esteras de Medinaceli, del que no queda más que el perímetro de su estructura y alguno de los muros en la cabecera de Jalón, y controlado la salida del desfiladero el castillo de Belimbre (cerca de Santa María de Huerta) y el castillo de Montuenga⁷⁶

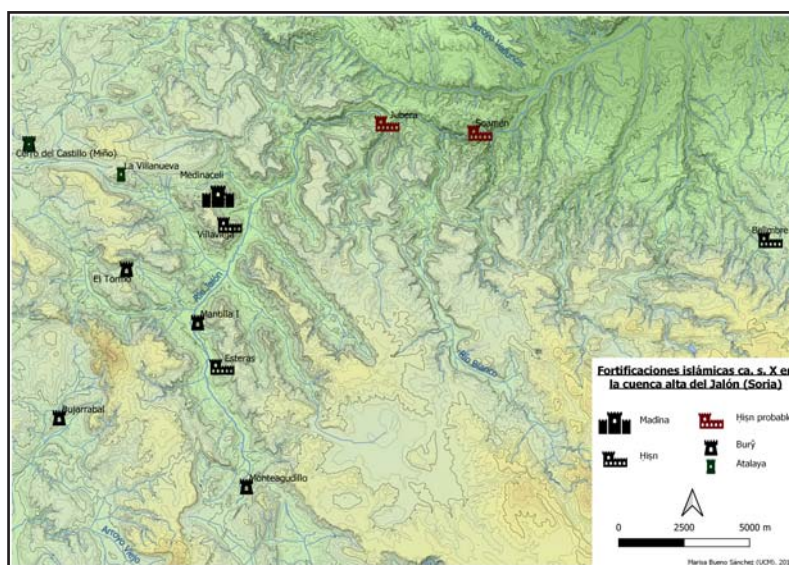


Fig. 4 - Fortificaciones islámicas en el siglo X en la cuenca alta del Jalón

⁷³ Servicio Territorial de Arqueología, Soria, Expediente 42-008-0001-05; ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan - "Recientes estudios sobre arqueología andalusí: la Frontera Media". *Aragón en la Edad Media* 9 (1991), p. 371.

⁷⁴ ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan - "¿Fortificaciones andalusíes? ¿Artigrama 22 (2007), pp. 233-258; ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan - "¿Poblados? ¿Ciudades? ¿Campamentos? ¿Recintos castrales? En la Marca Media: hacia una tipología". in IZQUIERDO BENITO, Ricardo (ed.) - *Al-Andalus, país de ciudades*. Toledo: JCLM, 2008, pp. 23-64.

⁷⁵ RETUERCE VELASCO, Manuel; COBOS, Fernando - "Fortificaciones islámicas en el alto Duero versus fortificaciones cristianas en el alto Duero". in DE LA CASA MARTÍNEZ, Carlos (coord.) - *Cuando las horas primeras. En el milenario de la batalla de Calatañazor*. Soria: Universidad Internacional Alfonso VIII, 2004, pp. 229-258.

⁷⁶ LORENZO CELORRIO, Ángel - *Compendio de castillos medievales de Soria ...*, pp. 145-148.

3. Impacto medioambiental de la ocupación islámica

Parece un paradigma asumido la asociación del Islam con la creación de áreas de irrigación, norias y sistemas de explotación de huerta, paradigmas que han sido contrastados en diferentes áreas de la península Ibérica, como la zona de Valencia, o en el valle del Ebro⁷⁷. A la hora de valorar el impacto medio ambiental en el espacio objeto de análisis debemos tener en cuenta dos variables: por un lado, el sistema de explotaciones agrícolas y económicas documentadas en el área desde el punto de vista arqueológico, y por otro lado la representación de esas realidades que rodean a la ciudad y en los textos.

La ciudad se instala en un alto páramo de más de 1000 metros de altura, que en su momento debió ser un área de bosque. La situación del paisaje en Castilla León alrededor del siglo II d.C según las fuentes documentales nos remite a un contexto boscoso, en montañas periféricas y valles. Frente a las teorías que afirman que el impacto romano supuso una primera alteración del paisaje con la roturación de tierras y tala de árboles, el sistema agrario de las villas no debió infligir un daño esencial al bosque⁷⁸. Cuando se produce una alteración de los paisajes más efectiva sería en el proceso de reorganización política post *reconquista*, con la introducción de la roturación de cultivos y el establecimiento de la Mesta, lo que determina la importancia de la ganadería y de los pastos en esta zona⁷⁹.

La idea de paisaje existe en el Islam, bajo el término de *mandhar* y *macchad*, para definir tanto el objeto como su representación⁸⁰. Musulmanes y cristianos aportaron descripciones de sus bosques, silvas, espacios no domesticados, así como de espacios sometidos al dominio del hombre⁸¹. Si tenemos en cuenta las noticias que recogen los geógrafos árabes nos describen una Medinaceli con árboles y vegas fértiles, sin que se precise nada sobre la naturaleza de los cultivos ni las especies arbóreas. En la descripción de la *Geografía* de Al-Razī no aporta datos sobre la vegetación o espacios naturales, considera Medinaceli como cabeza de distrito, pero no menciona los núcleos de ella dependiente, “el distrito de Medinaceli es

⁷⁷ GLICK, Thomas - *Paisajes de conquista. Cambio cultural y geográfico en la España medieval*. Valencia: Universidad, 2007, pp. 105-131; BAZZANA, André; GUICHARD, Pierre - “Irrigation et société dans l’Espagne orientale au moyen âge”, in *L’homme et l’eau en Méditerranée et au Proche-Orient. I. Séminaire de recherche 1979-1980*. Lyon: Maison de l’Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, 1981. pp. 115-140.

⁷⁸ HOPFNER, Hellmuth - “La evolución de los bosques de Castilla la Vieja en tiempos históricos. *Estudios Geográficos* 15 (1954), p. 417.

⁷⁹ CLEMENT, Vincent - *De la marche-frontière au pays-des-bois: forêts, sociétés paysannes et territoires en Ville Castille (X^e-XIII^e siècle)*. Madrid: Casa de Velázquez, 2002, pp. 60-65.

⁸⁰ LATIRI, Lamia - “La géographie arabe et le concept de paysage”. *Strates* [En ligne] 11 | 2004, mis en ligne le 14 janvier 2005, consulté le 30 septembre 2019. URL: <http://journals.openedition.org/strates/400>

⁸¹ RUCQUOI, Adeline - “La percepción de la naturaleza en la Alta Edad Media”, in SABATÉ, Flocel; FARRÉ, Joan (dir.) - *Natura i desenvolupament. El medi ambient a l’Edad Mitjana*. Lleida: Pagès editors, S.L., 2007, pp. 73-98.

cercano a Barūsā, alrededor de “una villa fuerte, buena y bella donde se encuentran edificios y vestigios antiguos contruidos sólidamente. Su territorio es excelente, un emplazamiento muy sano. Fue encontrado en ruinas por Tāriq, hijo de Nuṣṣayr, los musulmanes después lo repoblaron”⁸². Otro geógrafo, Ibn Hāwqal en su viaje del 948 la sitúa Medinaceli a una etapa de Ša‘ra al-Qawārīr, donde hay una aguada cerca de la cual acampan las caravanas y a dos de Guadalajara, insistiendo en la riqueza del territorio y su importancia militar: “De allí es originario Gālib ibn ‘Abd Al-Raḥmām, general en jefe de la armada; tiene una enorme muralla; un vasto distrito rural y una provincia; es una región muy rica en ganado; es próspera bajo todos los aspectos, con una gran abundancia de recursos. Es de toda España la región que ve más combates y expediciones militares”⁸³. Al Idrissi en el siglo XII nos da su visión de la misma: “Esta última villa es bonita situada en una hondonada extensa y posee un gran número de edificios, jardines y huertas”⁸⁴. Yaqūt, en el siglo XIII la presenta como “una de las más importantes ciudades (mudun) en Al-Andalus. Posee muchos árboles y abundante agua. Cuando Tāriq (Tāriq b. Ziyād) conquistó Al-Andalus estaba arruinada, pero floreció mucho con el Islam. Actualmente está en poder de los cristianos (ifranġy)”⁸⁵.

Los cristianos ocuparon un espacio productivo rico en cereales, prados y zonas de huerto, introduciendo posteriormente la vid. En el *Fuero de Medinaceli* otorgado a la villa por Alfonso I de Aragón en 1124 observamos entre sus disposiciones alusiones a las formas de explotación agrícola y de los diferentes tipos de cultivo, adaptadas al espacio productivo reordenado tras la conquista cristiana, pero que pone en evidencia la existencia de cultivo de trigo, huertas y explotación ganadera. El Fuero permitió el cerramiento de prados por un espacio de tres años si el cerramiento era bajo dos palmos en alto y otros dos en ancho si el cerramiento era con valla era por espacio de un año⁸⁶, el cerramiento de mieses se permitía hasta que fuese segado, al igual que las viñas. Los cultivos básicos en el término debieron ser además del cereal, la viña, así como la explotación de zonas de huerto en las zonas más húmedas, estando especialmente penada la agresión nocturna de los cultivos⁸⁷. La ganadería ocupa un papel muy importante: cabras, ovejas, puercos que provocan daños en los cultivos siendo éstos especialmente protegidos de las entradas de animales en cuyo caso debía el dueño de pagar el daño correspondiente: “Cuyo

⁸² Al Rāzī - “La Description de l’Espagne ..., p. 80.

⁸³ IBN HĀWQAL - *Kitāb ṣūrat al-ard, Configuration de la terre*. Ed. Johannes Kramers; Gaston Wiet. Paris, 1964, p.1 16.

⁸⁴ Al IDRISSEI - *Geografía de España*. Ed. Antonio Ubieto Arteta. Valencia: Anúbar, 1974, p. 146.

⁸⁵ YAQŪT - *La España musulmana en la obra de Yaquṭ (S. XII-XIII): repertorio enciclopédico de ciudades, castillos y lugares de Al-Andalus, extraído del Mu‘jam al-buldan (diccionario de los países)*. Ed. Gamil Abd Karim. Granada; Universidad, 1974, p. 179

⁸⁶ *Fuero de Medinaceli*. Ed. Tomás Muñoz y Romero - *Colección de fueros municipales y cartas pueblas de los reinos de Castilla, León, Aragón y Navarra*. Madrid, 1847, p. 439.

⁸⁷ *Fuero de Medinaceli ...*, p. 439.

ganado mayor daño fiçiere de dia en miese, por cada cabeza peche un at, et del daño apreciado:e ganado meneudo a X cabezas un at o el daño apreciado, qual mas quisiere el dueño de la miese”⁸⁸. Las grandes alteraciones se producen en la Plena Edad Media con los procesos de *repoblación* y estructuración del terrazgo y con la introducción de la Mesta en el siglo XIII; y en los procesos de puesta en explotación de nuevas áreas en el siglo XVIII y sobre todo en el XX y XXI.

4. El impacto socioeconómico y cultural en una pequeña ciudad de la Marca Media

Desde el punto de vista económico, la instalación de los Banū Sālim en la villa reactiva la importancia estratégica de la ciudad en el Valle del Jalón y en las labores de comunicación entre la Marca Media, la Marca Superior y las fortalezas del Duero. En un principio fue una pequeña ciudad de la Marca en el área de control de Guadalajara. Solo a partir de la destitución de los Banū Sālim y la entrada bajo el control directo del dominio cordobés como capital de la Marca adquiere una mayor importancia política administrativa. Después del 946, al-Muqadasī describe Medinaceli como una demarcación administrativa, *kūra* y Al-Razī la menciona como cabeza de distrito sin mencionar, las villas, *ḥuṣun* y emplazamientos rurales dependientes⁸⁹. A pesar de la rehabilitación de Medinaceli, Guadalajara siguió funcionando como centro cultural contrastado por la existencia de 24 ulemas desde la deposición de los Banū Sālim (8920) hasta la *fitna* (1009)⁹⁰.

En época amirí, en el año 1006 llegó a ser la sede transitoria de la corte amirí y donde el califa ‘Abd al Malik (1002-1008) recibe la embajada bizantina, narrada por Ibn Hayyān, donde le entregan un mensaje del emperador Basilio II en el que comunicaba que traía a la Península un cierto número de marinos andalusíes que habían sido hechos prisioneros en las costas de Cerdeña y Córcega⁹¹.

Si seguimos el modelo de la *paradoja urbana*, en el que la ciudad funciona como un centro productivo importando productos de sus espacios circundantes, podríamos determinar las relaciones entre la ciudad y los principales emplazamientos de su distrito, sin embargo ni en los geógrafos árabes se menciona Medinaceli como un importante centro productivo, ni se hace mención en los mismos a las posibles redes de intercambio. Sin embargo, aparece mencionado en las crónicas y en los geógrafos

⁸⁸ *Fuero de Medinaceli...*, p. 440.

⁸⁹ AL- RAZĪ - “La Description de l’Espagne ...”, p. 79.

⁹⁰ MARIN, Manuela - “Ulemas en la Marca Media”. *Estudios onomástico-biográficos de al-Andalus* VII. Madrid: CSIC, 1995, p. 203.

⁹¹ LEVI PROVENÇAL, Evariste - *La España califal desde 961-1008. Historia de España. Ramón Menéndez Pidal*. Tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, 1957, p. 447.

árabes como un importante centro político militar. En las crónicas tanto árabes como cristianas aparece ligada a la actividad militar y al proceso de refortificación de la Marca para frenar la expansión castellana sobre el Duero. Solo en un texto de Ibn al Jatīb se destaca Medinaceli por su importancia en la manufactura del cuero⁹².

Ahora bien, si las fuentes escritas no aportan noticia de su impacto económico, la arqueología pone de manifiesto la importancia de Medinaceli como centro de explotación de la sal. En el entorno de Medinaceli encontramos diversas zonas de salinas y emplazamientos rurales asociados a la explotación de la sal, concretamente en el Valle del Salado⁹³ y en las proximidades el arroyo de Arbujuelo la presencia de las Salinas de Landet que han sido explotadas desde época islámica y que fueron cedidas al monasterio de Huerta en el siglo XII⁹⁴. En 1218 Fernando III concedió a los calatravos el derecho a sacar dos cahices de sal en las salinas de Medinaceli para aplicarlas a la enfermería del Collado⁹⁵. Aunque los geógrafos árabes no mencionen la importancia de Medinaceli como centro productivo debió sin duda ser uno de los principales mercados de la frontera, con áreas productivas de distribución cerámica, siendo presentes las mismas formas en los poblados rurales y en los diferentes emplazamientos de control del territorio del valle del Jalón. Todas las aceifas andalusíes entre el 920 y el 1003 tenían como eje central el Jalón y Medinaceli como centro, la sal era muy apreciada como forma de conservar alimentos y aprovisionamiento de tropas y la presencia de las salinas al sur de Medinaceli debió incrementar su importancia económica. Parte de los cautivos hechos en las campañas militares posiblemente nunca llegasen a Córdoba y se quedasen en el área explotando los recursos salineros de la zona⁹⁶.

La presencia de sabios en una ciudad es determinante para valorar su importancia como centro cultural y centro difusor del conocimiento y de la ciencia. En el caso de Medinaceli encontramos ocho referencias a sabios a partir del 946 que en ocasiones nacen en la misma ciudad, otras emigran a Zaragoza, y en otras son enviados desde Córdoba para crear una tendencia de pensamiento. El periodo 960-1048 coincide con el indicado por Bulliet como etapa de la primera gran conversión. En este periodo tenemos constancia de la existencia de una mezquita en la madīna, destruida en el 1009 como consecuencia de la llegada de las tropas de los condados catalanes como auxiliares de Wadīh, gobernador de Medinaceli ante las revueltas

⁹² INMAMUDIN, Samuel M. - *The economic history of Spain under the Umayyad (711-1011)*. Dacia, 1963, p. 195.

⁹³ MALPICA, Antonio; GARCÍA-CONTRERAS, Guillermo - "Asentamientos y explotación de la sal en el valle del Salado y la zona de Sigüenza en época medieval". *En la España Medieval* 33 (2010), pp. 295-324,

⁹⁴ *Cartulario del Monasterio de Santa María de Huerta*. Ed. Juan Antonio García Luján, Huerta, 1981, p. 71.

⁹⁵ GONZÁLEZ, Julio (ed.) - *Reinado y diplomas de Fernando III*. Vol. III. Córdoba, 1983, p. 80.

⁹⁶ ECHEVARRÍA ARSUGA, Ana - "Explotación y mano de obra en las salinas y minas de al-Andalus". *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Medieval* 23 (2010), pp. 55-74.

de la *fitna*⁹⁷. Ejercieron su magisterio en Medinaceli o impartieron justicia los siguientes sabios y cadíes: Halaf b. Yāmīm, cadí nacido en Medinaceli y que ejerció en la madīna, murió a finales de Ramadan del 369/980 a manos de Gālib por haber perdido Medinaceli, salvó a Almanzor de morir a manos de Gālib⁹⁸. No todos los que ejercieron allí eran nativos algunos provenían de Córdoba, como Husayn b. Hayy, (336/947-401/1011). A lo largo de su vida ostentó varios cargos, muftī, miembro de la surā de Ibn Zarb, fue cadí en algunas provincias como Beja, Ocsonoba, Medinaceli y Jaén. Fue encargado de los documentos oficiales de al-Muzzafar, fue más tarde visir y Sabih al-Mazālim de al-Madhī⁹⁹. Fue también cadí de Medinaceli Sa‘id b. Muḥsin al-Gāsīl, Abū ‘Utmān, originario de Córdoba muere en el año 1001. Es trasmisor de Ibn Zarb. Como profesión alternativa lavaba cadáveres para prepararlos al ritual funerario. Fue muṣawar de Córdoba, cadí de Medinaceli y de otros lugares¹⁰⁰.

En otras ocasiones algunos sabios nacidos en Medinaceli ejercieron su magisterio en la Frontera Superior, tal es el caso de Ḥakan b. Muḥammad b. Ismā‘īl b. Dāwūd al-Qaysī al-Sālimī, Abū l-‘Āṣī, su fecha de muerte es 1008-1009 (399) que fue cadí en Zaragoza y estudió en al-Andalus, visitó Oriente de donde transmitió a Abū Muḥammad al-Ḥasam b. Raṣīq al-‘Adl. De índole ascética de él transmitieron los dos compañeros y Waḍḍah b. Muḥammad al-Saraqustī. Regentó la *salā* de la aljama de Guadalajara¹⁰¹. Después de la *fitna*, Medinaceli siguió siendo foco cultural, Alī b. Ibrāhīm b. Faṭḥ Ibn al-Imām, Abū l-Ḥasan, nacido en Medinaceli de la familia de Tudela Banū l-Imām, clientes omeyas¹⁰². Muere en 1086 a los 76 años de edad. Así mismo pese a la destrucción de la mezquita en 1009 esta debió seguir en funcionamiento, ya que encontramos un almocrí o lector coránico en Medinaceli, Jalaf b. Muḥammad b. Jalaf (muere en 1083)¹⁰³ que realizaba sus funciones en la mezquita. Encontramos por las mismas fechas otro cordobés ejerciendo como cadí de Medinaceli, Muḥammad b. Ibrāhīm b. sa‘īd al-Qaysī conocido como Ibn Abī l-Qarāmid, había nacido en Córdoba el 365/965-966; y muere a los 77 años en el 432/1040. Transmitió de su padre las tradiciones del cadí Abū ‘Abd Allāh Ibn Mufarriy. Fue unos años cadí de Medinaceli y después regresó a Córdoba donde

⁹⁷ IBN ‘IDĀRĪ - *La caída del Califato de Córdoba*, p. 88.

⁹⁸ IBN AL- ABBĀR - *Al-Takmilā li-Kitāb al-Šila. Complementum Libri Assilah: (dictionarium biographicum)*. Ed. Francisco Codera. Madrid: Michael Romero, 1887-1889 (Bibliotheca arabico-hispana; t. 5; 6) n° 142, p. 44; AVILA NAVARRO, M^a Luisa - *La sociedad hispanomusulmana al final del Califato*. Madrid: CSIC, 1985, p. 580.

⁹⁹ IBN AL- ABBĀR - *Šila*, BAH, n° 319.

¹⁰⁰ IBN AL- ABBĀR - *Šila*, BAH, n° 468.

¹⁰¹ IBN AL- ABBĀR - *Šila*, BAH, n° 331, p. 149.

¹⁰² IBN AL-ABBĀR - *Šila*, BAH, n° 205, AVILA NAVARRO M^a L. - *La sociedad hispanomusulmana ...*, pp. 341-342.

¹⁰³ MARIN, Manuela - "La actividad intelectual". in Viguera Molins, M^a Jose (coord.) - "Los reinos de Taifas: al-Andalus en el siglo XI". Historia de España Menéndez Pidal. VIII/1. Madrid, 1994, pp. 505-506; IBN AL- ABBĀR - *Šila*, n° 160, p. 48.

regentó la šurta y el sūq¹⁰⁴. Así mismo ‘Alī Yūsuf (b. Mūsà) al-Qaysī al-Sālimī al-Muqrī‘ también ejerció en Medinaceli, muriendo alrededor de 1106¹⁰⁵.

5. Superposiciones y yuxtaposiciones en la creación de los paisajes de frontera

El impacto de la conquista islámica en la zona provocó una reactivación del poblamiento y un protagonismo de la zona de estudio como consecuencia de las campañas militares convirtiéndose Medinaceli en foco cultural, con ulemas y cadíes bien formados, muchos de ellos procedentes del entorno cordobés que buscaban al norte quizá un entorno de una mayor seguridad. Puente cultural así mismo con la frontera superior, la ciudad gozó de su época de esplendor entre el 946 y el 1090, poniendo en evidencia que no fue solo una ciudad de frontera con importancia crucial en las campañas militares, sino un centro que articula una pequeña red económica en torno a la sal y la producción cerámica, y que sirvió como refugio a algunos cordobeses durante la fitna. Así mismo el estudio arqueológico de la zona, aún con las limitaciones establecidas derivadas de la ausencia de excavaciones sistemáticas en entorno rural, pone de manifiesto la existencia de un paisaje rural que sobrevive durante la ocupación islámica y sobre el que se yuxtaponen los elementos de control Omeya que configuran un paisaje de frontera.

¹⁰⁴ IBN AL-ABBĀR - *Šila*, BAH, VIII, apéndice. n° 1716, pp. 101-102.

¹⁰⁵ IBN AL-ABBĀR - *Šila*, BAH, n° 1842.

